

Software Livre: Paradoxos

Guido Lima Santos

Leandro Seles Dorneles

Rodrigo Martins da Silva

Thales Antonio Basques

RESUMO

Os softwares livres ainda esbarram em determinadas barreiras que os impede de sobressair sobre seus concorrentes fechados. A primeira questão que aparece é a do hábito. As pessoas se habituaram com os softwares que já estão no mercado a mais tempo. Além disso, elas se sentem mais seguras utilizando um programa que já é mais bem difundido. É como comprar um carro. Se você comparar um carro popular mais antigo com um luxuoso importado do mesmo ano, o importado é mais barato. Você teria mais recursos e conforto, pagando menos. Mas em qualquer esquina você acha alguém que conhece e dá manutenção em um popular. Já o importado... Esse e outros paradoxos serão abordados no trabalho.

INTRODUÇÃO

Parece contraditório no mundo do software livre falar em restrição na liberdade de escolhas, pregando a diminuição de possibilidades. A falta de escolha no mercado de consumo é ruim. Relembrando com o exemplo do sistema operacional líder, quando só se tem um único produto dominante, você não pode escolher o melhor custo-benefício, tendo que pagar um alto preço, ficar dependente das estratégias comerciais de uma única empresa e até mesmo possibilitando uma estagnação tecnológica.

DESENVOLVIMENTO

Com base nas teorias de Barry Schwartz, professor do departamento de psicologia do Swarthmore College, fica fácil de perceber que o excesso de distribuições Linux é ruim, fazendo o consumidor ficar infeliz, prejudicando seu senso avaliativo, diminuindo o fator prioritário para qualquer sociedade, a qualidade de vida – afinal, a busca da qualidade de vida deve ser a prioridade de qualquer sociedade, de qualquer Estado, de qualquer sistema econômico.

Este problema não ocorre somente com o Linux: ocorre com o software livre em si. Como citado, temos no Linux dezenas de toolkits gráficas, sistemas de áudio, bibliotecas básicas (libc), máquinas virtuais java, interpretadores shell, linguagens de programação, players de áudio, de vídeo, navegadores web, gerenciadores de arquivos, etc.

Em seu livro “O Paradoxo da Escolha. Por que mais é menos” o professor Schwartz afirma e mostra como a autonomia da pessoa humana, a liberdade de escolhas, está relacionada com a queda da qualidade. Barry Schwartz, explicando “a busca da satisfação”, idealizado pela economista ganhador do Nobel, Herbert A. Simon, diz que há pessoas “maximizadoras” e as que “buscam a satisfação”. Enquanto os que buscam a satisfação são regidos pelo pensamento do suficientemente bom, os maximizadores são uma parcela significativa da população que nunca estão satisfeitas com a opção que escolhem, e nesse grande segmento da população é que o excesso de distribuições Linux cai em uma armadilha. (...).”

O excesso de distribuições causa também uma dor de cabeça imensa para qualquer um que queira desenvolver algo para o Linux. Bom seria um formato que permitisse distribuir um software sem que, para cada distribuição, houvesse instruções e incompatibilidades específicas. Não há um fim para isso – tem gente que ama ficar compilando tudo do zero e acha que isso é ser usuário Linux de verdade. É por essas e outras que o Linux é enxergado como um SO de nicho para desktops. Considero-o razoavelmente estabelecido e com uma base de usuários relativamente grande, mas sempre atenderá somente a um nicho específico

É simples e natural o processo de adoção e preferência à um ou outro software, por exemplo no caso dos gerenciadores de janela e das distribuições as mais organizadas e com apelo original estão sempre aí e com uma massa grande de usuários de vários “skills”, dizer que o usuário fica confuso porquê tem uma grande quantidade de distros para escolher é exagerado, é só ver que pra um dito usuário “leigo” há meramente alguns grandes distros que ele pode escolher sem se arrepender. Ou seja, as grandes estão sempre aí em foco, mesma coisa com os Windows Managers.

A maioria das pessoas não se importam com escolhas desde que lhe proporcionem um ambiente confortável e familiar. A pior situação para um usuário quando troca de sistema ou micro, é descobrir que ele terá que reaprender a mexer em tudo. Ferramentas que antes eram usadas de uma maneira destoam no novo sistema que veio instalado.

Quem navega ou navegou entre as escolhas e a partir delas pode saber escolher o que precisava e sabe que sua escolha não serve para todos respeita esse universo de possibilidades e escolhas. Não se pode vender um sapato de um mesmo modelo de tamanho específico que caiba em todos os pés da mesma forma e que atenda todas as ocasiões. Nossa natureza é pensar diferente, agir diferente e até as formas de cada um do rosto, ao dígito são diferentes. Impor o que pensar ou como agir só está para atender a interesses particulares e não coletivos. Cada um individualmente deve ter opções e poder escolher, seja para escolher mesmo ou ficar sentado reclamando das oportunidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Autor desconhecido, Conclusão

- **O software livre como modelo a ser considerado**, Disponível em <http://pedro-araujo.com/go?100911111428>. Consulta realizada em 01 de Novembro de 2010. Murilo, José.

Gov 2.0: o governo como plataforma, Disponível em <http://www.culturadigital.br/josemurilo/2010/06/20/gov-2-0-o-governo-comoplataforma>. Consulta realizada em 01 de Novembro de 2010. Schaarschmidt, Rudolf Ghysio,

Preparação do território. Disponível em <http://www.vivaolinux.com.br/artigo/Software-livre-no-pais-nao-e-mais-somenteincentivo>. Consulta realizada em 01 de Novembro de 2010.